Disciplinarização no Contexto Escolar

Welker Mello[1]

Rachel Tegon de Pinho[2]

O presente trabalho tem como fonte principal de pesquisa a Escola Estadual "Professora Ana Maria das G. S. Noronha" desde o segundo semestre de 2012, onde a partir dos diagnósticos periódicos feitos pelo PIBID /História - UNEMAT em Cáceres - Mato Grosso, do qual faço parte, foi efetuado um levantamento de alguns dados críticos onde demonstram que esta instituição escolar vem sofrendo uma constante defasagem na qualidade do ensino escolar devido à forma que as aulas vêm sendo ministradas pelos professores na maioria das vezes.

O objetivo principal deste estudo é apresentar uma reflexão sobre a escola como um local destituinte de saberes e poderes. Para esclarecer essas questões e fornecer os elementos para uma análise dessa realidade, Michel Foucault se apresenta como a principal referência teórica, possibilitando a compreensão das relações presentes no cotidiano escolar. É importante nós sabermos que nessas relações de poder contidas nesse ambiente, o "poder disciplinar" demonstra toda sua eficácia.

Outros autores também serão abordados nesta discussão, como Gilles Deleuze sobre o conceito que cerca "Sociedade de Controle", onde ferramentas de controle como TV, Internet, Marketing e Senhas estão sendo usadas nas escolas para que haja uma melhor fiscalização e entendimento por parte do Estado sobre o que está sendo executado diariamente na escola.

Não muito obstante disso, temos também Durval Muniz que ressalta um conceito interessante em seu artigo "Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade" onde diz que a instituição escolar vem sofrendo uma constante crise e para perceber isso basta

---

[1] Acadêmico de História da Universidade do Estado de Mato Grosso em Cáceres financiado pelo PIBID.

[2] Professora Orientadora e Coordenadora do PIBID/História pertencente à Universidade do Estado de Mato Grosso – Cáceres.

observar atentamente o comportamento dos alunos, quando os mesmos vão para escola por obrigação e não porque querem realmente aprender algo e ter um futuro plausível.

Sendo assim, pode-se considerar que existe uma variável sobre os conceitos que podem levar a uma decadência ou uma defasagem na qualidade do ensino escolar, onde a partir da fundamentação teórica sobre o conceito de "Sociedade Disciplinar", Michel Foucault analisa a sociedade com base na disciplina do cotidiano, onde para ele, todas as instituições como escola, quartéis, hospitais, prisões e até família procuram disciplinarizar as pessoas de forma individual desde que nascem, pois o fundamental em seu ponto de vista é distribuir, vigiar e adestrar tais indivíduos em determinados espaços. Além desses aspectos institucionais, esse poder se desenvolve por meio de gestos, atitudes e saberes, e são esses saberes que permeiam o atual modelo de ensino escolar nos dias de hoje.

Tais gestos, atitudes e saberes são denominados como uma relação de poder, um poder disciplinar que foi construído ao longo dos anos com o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Segundo Foucault, o poder não é uma meramente uma "coisa" e nem uma propriedade, ele não esta localizado somente no governo ou no estado. Para Foucault, um exemplo claro do que vem a ser o poder disciplinar, seria como uma estação central de energia de uma cidade, onde com isso ele quer dizer que o poder não está somente na estação, e sim principalmente nos fios que percorrem toda a cidade como uma rede.

Assim ele nos diz que o poder não está somente em um único lugar, em um indivíduo ou em uma instituição. Ele vai dizer justamente que o poder está em todo lugar, que o poder permeia por toda sociedade, se esparramando pelo tecido social. Dentro deste contexto, Foucault nos mostra que no ocidente podemos encontrar dois ou mais mecanismos distintos de poder, onde o primeiro seria o poder da soberania que normalmente encarna em um rei, aquele soberano que tem poder sobre a vida e a morte de seus súditos. E posteriormente, com o nascer da modernidade, surge uma nova tecnologia de poder a qual Foucault denomina como disciplina ou poder disciplinar, que foi construído e articulado conforme o desenvolvimento de produção capitalista.

À medida que a produção capitalista tende aumentar, esse poder disciplinar também tende aumentar para compensar a contraposição dos dois elementos. Podemos pensar nisso também como uma forma de poder ligada estritamente às instituições.

Disciplina para Foucault é uma tecnologia de poder, ou seja, é uma forma de executar o poder disciplinarizador individualizante, pois o poder é exercido de forma individualizante sobre o corpo de cada pessoa disciplinando assim o indivíduo, tornando-o assim dócil.

Disciplinar uma pessoa é "construí-la" a partir da ação do poder sobre o corpo desses determinados indivíduos. O mais atraente é que a disciplina tem um caráter extremamente interessante, pois ela vem do exterior do individuo e se internaliza no mesmo.

Porém precisamos saber que para isso acontecer precisamos de uma sobrecarga dos corpos para se tornarem dóceis, ou seja, é preciso confinar esses corpos nas instituições, pois se for analisar, dificilmente se consegue disciplinar tais corpos em campo aberto. Justamente por isso que Foucault dá o nome das instituições disciplinares de "instituições de seqüestro", onde os indivíduos são "seqüestrados", levados para dentro da instituição com o objetivo de lá dentro serem disciplinados.

Tal situação não acontece de forma diferenciada nas escolas, uma vez que o poder disciplinar é usado com muita veemência pelos professores para adquirir a atenção necessária dos alunos durante as aulas. Se pararmos para pensar, até certo ponto o poder disciplinar não é tão ruim, porém se usado de forma descontrolada, o que em minha opinião está acontecendo com muita freqüência pelos professores, pode ser um ótimo jeito de inibir por completo a liberdade de expressão e a capacidade de pensamento e desenvolvimento dos alunos, tornando-os assim "objetos" desprovidos de um pensamento crítico a serem formatados aos moldes do governo.

Só pelo fato do professor ficar em pé e a frente de todos ou em uma cadeira e mesa maior do que a dos demais, já é uma forma de se aplicar o poder disciplinar. Organizar os alunos em fileiras e lhe dando a permissão somente quando é concedida pelo professor é a prova clara deste poder.

Minha maior indignação, esta que quero deixar bem claro neste contexto como uma forma de crítica ao sistema de ensino escolar, é de que cada vez mais as aulas dos professores estão tornando-se comuns, entediantes, desprovidas de qualquer interesse ou curiosidade que faça valer a pena o tempo que os alunos estão ali se dedicando. É possível perceber isso claramente quando existe alguma forma diferenciada de aula, como filme ou aula-campo.

A maioria dos alunos não consegue fazer a devida diferenciação de que quando um professor passa um filme é para ser discutido e analisado no contexto que está sendo explanado durante as aulas. E não como um simples filme desprovido de qualquer entendimento necessário para as aulas, por isso que a maioria dos alunos entende que quando se passa um "filme", passa a não ser uma aula em si e sim uma espécie de entretenimento ou algo de tipo, infelizmente isso é causado pela falta de inovação e modernização dos docentes nas escolas.

A falta de novidades e de didática diferenciada que chame atenção dos alunos fazendo os estudar livremente é tamanha, que quando se aparece com uma, seja lá qual for, os alunos entendem isso como qualquer outra atividade, menos uma boa aula.

Talvez seja por isso que o desprestígio social do professor, por ter antecedido o desprestígio social da instituição escolar como um todo, prejudicou enormemente o ensino, desvalorizando assim o interesse de estudar por parte dos alunos. Durval Muniz em seu artigo "Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade" ressalta perfeitamente bem tal situação:

"A escola é cada vez mais um espaço desinteressante, um espaço que revela toda a engrenagem disciplinar que a fundamenta, sem oferecer em contrapartida nenhuma compensação simbólica, imaginária, para o seu existir. A escola, como vários projetos modernos, diante de seu aparente fracasso, poucas alternativas tem a oferecer."
(Durval Muniz, pág 06.)

Durval Muniz neste texto levanta uma questão que vale a pena ser repensada, que é a questão do sistema educacional estar em crise, um ponto que também concordo, pois basta observar a tristeza dos estudantes ao adentrarem as escolas e a felicidade dos mesmos ao

saírem. Somente isto deixa claro de como está indo de mal à pior a situação no sistema educacional.

As escolas estão cada vez mais parecidas com presídios, muros altíssimos, portas de aço, pouca ventilação e luminosidade, cadeiras, mesas e lousas sucateadas, classes separadas iguais pavilhões de presídios ou em muitas vezes como campo de concentração, e quando digo campo de concentração, digo com pesar, pois penso que cada vez que um ensino está sendo desenvolvido dessa forma, "morre e mata" centenas de alunos de forma informal, isto é, o sistema aniquila o senso crítico, repreende seu pensamento, levando o aluno a pensar somente aquilo que lhe é imposto. Uma forma simples de ver isso em uma escola que dispõe da tecnologia disciplinar, é colocar uma questão em que se pode trabalhar algo livre, sobre qualquer tema a gosto. Muitos não conseguem desenvolver algo digno de aproveitamento e muitos se recusam a fazer devido à prática aplicada todos os dias de "cabresto", geralmente sobreposta por péssimos professores que nem se quer exercitam o mínimo do senso crítico dos alunos.

Michel Foucault levanta uma questão do seu livro "Vigiar e Punir – História da violência nas prisões" que reflete basicamente outro problema de educação básica de nossa sociedade:

"Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais e todos se pareçam com as prisões?" (Foucault, 1987,p. 187).

Vivemos em uma sociedade disciplinar, tão bem analisada por Foucault, porém com resquícios significativos de uma sociedade de controle tão bem pensada por Gilles Deleuze. E em meu ver, tudo indica que estamos caminhando para uma sociedade ditatorial, de cunho facista, que gosta de ser controlada pelo governo e por um representante do poder, não diferente do que a escola tem representado nos dias de hoje.

Implícito nesse mesmo contexto, porém não tendo o mesmo significado, existe também outra questão faz parte das escolas de hoje e da tecnologia disciplinar, que é o conceito de "Sociedade de Controle" abordada por Gilles Deleuze. O conceito do controle está aparecendo lentamente, através das formas ultra-rápidas de controle, como "prisões ao ar

livre". Métodos que são contínuos, ilimitados e geralmente de comunicação instantânea, como por exemplo, TV, Internet, Marketing e Senha. Como não tem um espaço definido, o controle pode ser exercido em qualquer lugar, como as avaliações permanentes e diárias. Não obstante disso, tais métodos estão sendo usados com freqüência pelos professores do ensino escolar para relatar diariamente o que está sendo feito, qual aula foi trabalhada e por quantas horas.

Inclusive existem idéias sendo discutidas no plenário de por câmeras digitais nas salas de aulas para que possa haver um maior controle em tempo real por parte dos professores, coodernadores, diretores das escolas e dos regentes do ensino escolar brasileiro.

Por isso é importante saber que na sociedade disciplinar há sempre uma pessoa vigiando e policiando os demais de várias maneiras, num lugar confinado com o objetivo de formatar e moldar tais indivíduos, deixando a aprendizagem escolar em segundo plano, quando deveria ser uma prioridade. Acompanhado disto, a educação básica dispõe das ferramentas de controle que fazem os professores e os responsáveis pelo ensino escolar seguirem a risca o que o Estado impõe com sua política formatadora ao invés de uma política de ensino sustentável.

Sendo assim, digo que o sistema básico de ensino está desempenhando um papel que não é do seu dever, educar é papel dos pais. Apesar de no Brasil haver muitos incapazes de desempenhar este papel por conta da pobreza e falta de educação básica, a escola tem que praticar o aprendizado na teoria e na prática, totalmente ao contrário do que está sendo proposto hoje. Penso eu, que uma reforma educacional seria o melhor caminho para que tivéssemos uma melhora significativa na área educacional.

Uma questão interessante que professor Rubens Gomes Lacerda debate em seu texto "Por uma epistemologia da sensibilidade", a qual deve ser analisada com muita precisão e sensibilidade, é a discussão sobre a educação básica estar cada vez mais parecida com os presídios, sua estrutura, sua infra-estrutura, seu modo de trabalho e organização, que por sua vez carrega aquele conceito de "grade" curricular. Digo com ironia o sentido de "grade", pois seria como se os alunos estivessem presos dentro de uma instituição, trancafiado dentro da mesma com guardas nos portões como vigia daquele lugar, onde o primordial seria a

liberdade em todos os sentidos convenientes, porém não devendo confundir com libertinagem. Acompanhado deste conceito, segue o sentido de "carga" curricular, entendendo-se ironicamente que os alunos têm que suportar uma carga pesada com muitas horas e na maioria das vezes improdutiva.

Um clipe interessante para se avaliar este conceito é o da banda Pink Floyd, atendido pelo título "Another brick on the wall" onde carrega um potencial enorme de críticas ao ensino escolar, que em meu ponto de vista, representa basicamente o que está acontecendo dia-a-dia nas escolas ou na educação básica.

Pelo próprio título do clipe, já se pode estabelecer um parâmetro de decepção e instigar uma reflexão mais profunda para com uma educação má desenvolvida. "Another brick on the wall", tem por significado oriundo do inglês, "Outro tijolo na parede", e seria exatamente isso que o clipe nos passa, onde as crianças estão na escola sendo formatadas, moldadas, de uma forma que não haja um pensamento livre, que não tenha uma liberdade de expressão. O que acaba implicando uma repressão agressiva de pensamento por parte dos professores e das escolas, mais precisamente das escolas mais tradicionais.

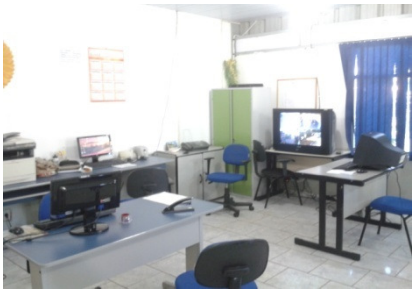
Uma cena visível do clipe que demonstra esse conceito, é o momento em que os alunos estão em uma esteira, como se estivessem em uma "fábrica", a caminho de uma queda para dentro de uma "máquina" modeladora, o que me faz pensar que a educação está sendo trabalhada de uma forma em que as crianças sejam somente "mais um tijolo na parede", "mais uma peça do quebra-cabeça", mais um "corpo dócil" em uma sociedade selvagem, como demanda o título da música, ou seja, mais um instrumento formatado pela sociedade onde o maior objetivo é se enquadrar dentro das regras e normas de uma sociedade, uma vez que assim, seu espírito de reflexão, seu pensamento, sua liberdade de expressão, seus desejos, suas frustrações, são aniquilados sem aviso prévio.

Podemos notar também que o clipe representa os professores como os principais responsáveis por essa formatação disciplinar desastrosa, onde frases impactantes de efeito são usadas constantemente com o intuito de revolta, como: "Não precisamos mais de educação", "Não precisamos mais de controle", "Professor, deixe as crianças em paz", traduzem os efeitos que são causados por uma sociedade disciplinar e de controle.

Para finalizar, gostaria de exibir algumas imagens que revelam a situação escolar que os alunos encontram-se hoje devido disciplinarização e também exibir outra imagem que nos faz refletir a forma e a causa do poder disciplinar e das ferramentas de controle que estão sendo desenvolvidas e usadas cada vez mais em salas de aula como objeto disciplinador.

Ferramentas do poder disciplinar:

Ferramentas de controle de uso contínuo, ilimitado e de comunicação instantânea:



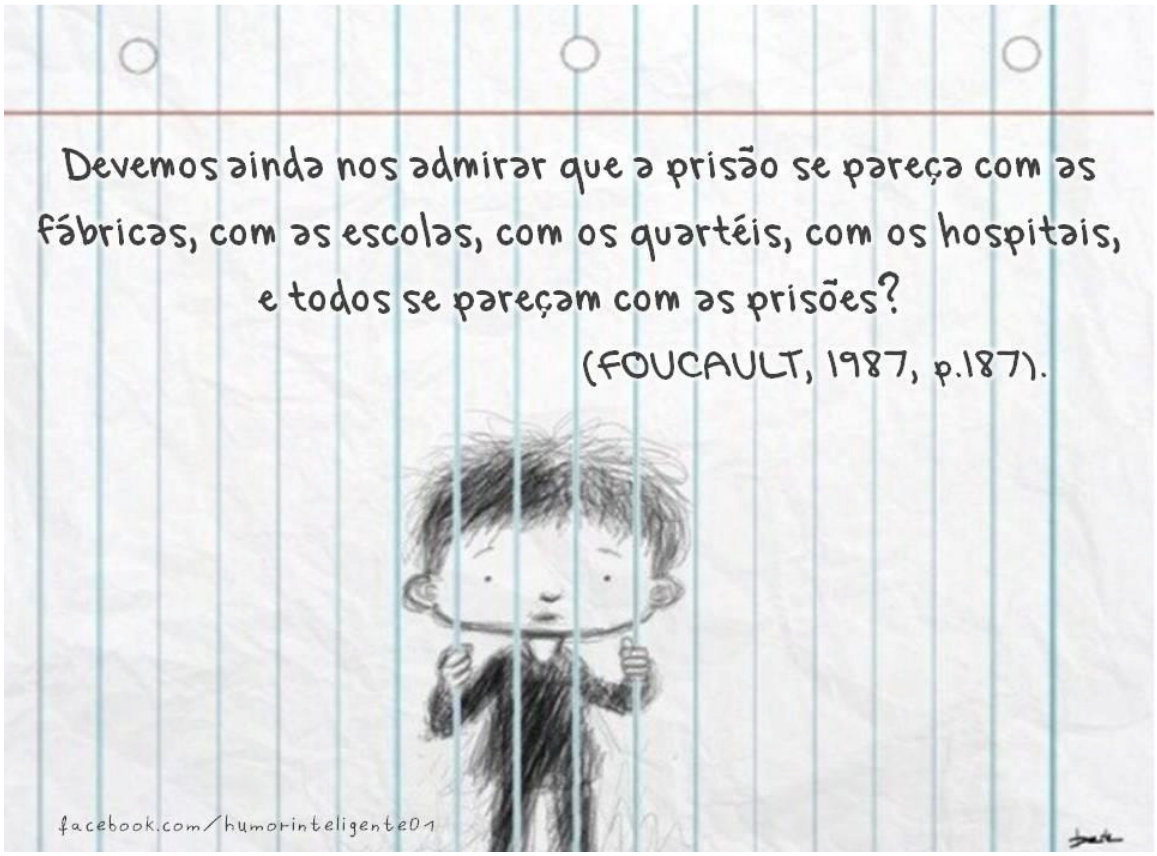


Imagem para reflexão a respeito do que foi discorrido neste trabalho.

Bibliografia

LACERDA, Rubens Gomes. **Por uma epistemologia da sensibilidade: o desafio de ensinar história no limiar do século XXI.** UNEMAT, 2009.

MUNIZ, Durval. **Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle.** In: Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, pp. 219-226.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHO, Rachel Tegon. **Cidade e Loucura: entre o censo de 1890 e a inauguração do pavilhão dos alienados em Cuiabá.** 2006, Cuiabá – UFMT.